

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CONTRIBUIÇÃO PARA A ANTROPOLOGIA DOS POVOS BRACARENSES.

PINA, Luís de

Ano: 1932 | Número: 42

Como citar este documento:

PINA, Luís de, Contribuição para a antropologia dos povos bracarenSES. *Revista de Guimarães*, 42 (1-2) Jan.-Jun. 1932, p. 38-51.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Contribuição para a antropologia dos povos bracarenses

Tendo-me sido possível realizar algumas observações antropométricas em indivíduos do sexo masculino e feminino naturais de Braga, Guimarães e Fafe (1), resolvi coordenar os respectivos resultados e apresentá-los nesta Revista, atendendo à importância que terá, como mero subsídio, para a elaboração futura dum trabalho mais extenso sobre a etnologia vimaranense ou, dizendo melhor, das velhas populações do distrito Bracarense.

Aos estudos já realizados por outros autores sobre a Arqueologia, Etnologia, etc., das referidas localidades, pode juntar-se este que trata da sua Antropologia, certo de que o estudo das populações deve revestir os aspectos que se mostram naqueles diversos ramos de investigação.

Eis o número de indivíduos observados:

	Homens	Mulheres
Braga	39	27
Guimarães	29	23
Fafe	16	8
	<hr/> 84	<hr/> 58

São, no total, 141 indivíduos. Muito maior valor teria uma série mais numerosa; porém, à falta de outra, esta já nos revela resultados dignos de menção. As populações Minhotas têm sido objecto de estudos vários, entre os quais alguns antropológicos, devidos a Fonseca Cardoso (2) e R. Severo (3).

O Baixo Minho (ou centro de Entre Douro e Minho), ao qual pertencem os indivíduos que examinei, não foi

(1) Observados no Laboratório de Identificação Civil do Pôrto.

(2) Fonseca Cardoso — *Anthropologia do Povo Portuguez. O Minhoto de Entre Cavado e Ancora*. Portugalia Tomo I. Fasc. I.

(3) Ricardo Severo e Fonseca Cardoso — *O ossuário da freguesia de Ferreiró*. Idem. T. I. Fasc. 2.º.

ainda largamente estudado ⁽¹⁾, se bem que aquele illustre antropologista nos tivesse deixado trabalhos sôbre o povo de Entre Cávado e Ancora e da margem do Atlântico (Póvoa de Varzim) ⁽²⁾.

João de Meira, na sua tese de doutoramento ⁽³⁾, refere-nos resultados que colheu sôbre Vimaraneses, bordando algumas considerações étnicas a propósito do sumário quadro antropométrico observado.

Este estudo que agora apresento serve, como disse, de subsídio a outro de maior latitude e, por isso, não tem pretensões a ser a última palavra sôbre o assunto.

As mensurações e observações realizadas foram:

Estatura — Envergadura — Busto — Côr do cabelo
— Forma do cabelo — Côr dos olhos.

Não me foi possível examinar outros caracteres; todavia, estes já servirão para estabelecermos algumas provisórias conclusões. Os índices que calculei são estes:

Índice Braça — Estatura
• Esquético
• " de Manouvrier
• Cefálico
• Nasal
• Auricular.

ESTATURA

Começemos pelo estudo da estatura. Os resultados obtidos foram:

Homens

Média = 1^m,63
Erro provável da Média = ± 0,404
Desvio padrão = 6,2
Erro do Desvio = ± 0,269
Mediana = 1^m,63

⁽¹⁾ O trabalho da nota anterior foi elaborado sôbre 32 observações de crâneos de indivíduos da dita frêguesia, pertencentes ao Baixo Minho.

⁽²⁾ Fonseca Cardoso — *O Poveiro. Estudo Antropológico dos pescadores da Povoia de Varzim*. Portugalia. Tôm. 2.^o

⁽³⁾ João de Meira — *O concelho de Guimarães (Estudo de demographia e nosographia)*. Porto, 1907.

Classe mais freqüente = 1^m,62
 Valor máximo = 1^m,80
 • mínimo = 1^m,45.

Mulheres

Média = 1^m,51
 Erro provável da Média = \pm 0,539
 Desvio padrão = 6,1
 Erro do desvio = \pm 0,269
 Mediana = 1^m,49
 Classe mais freqüente = 1^m,53
 Valor máximo = 1^m,67
 • mínimo = 1^m,32.

Santana Marques (1) apresenta como média da estatura nos Portugueses 1^m,645; eu encontrei 1^m,665 nos Homens e 1^m,534 nas Mulheres (2). A dos Minhotos que estudei é, portanto, inferior a esta, o que quer dizer serem mais baixos que o normal (média). Vejamos a distribuição da estatura segundo Deniker:

Homens

Baixas	X	a 1 ^m ,60.	26,5 %
Abaixo da média.	1 ^m ,60	a 1 ^m ,649	34,9 %
Acima da média	1 ^m ,65	a 1 ^m ,699	26,5 %
Altas	1 ^m ,70	a X	12,0 %

Mulheres

Baixas	X	a 1 ^m ,39.	1,7 %
Abaixo da média.	1 ^m ,40	a 1 ^m ,52.	53,4 %
Acima da média	1 ^m ,53	a 1 ^m ,57.	37,9 %
Altas	1 ^m ,58	a X	6,8 %

Por êstes dois quadros se verifica melhor a maior percentagem de estaturas baixas e abaixo da média.

A média que obtive, 1^m,630, é idêntica à calculada nos Minhotos de Entre Cávado e Ancora, por F. Cardoso, 1^m,638 (3). O Prof. João de Meira encontrou a média de

(1) Santana Marques — Vid. Mendes Correia. *Antropologia*. Porto, 1915.

(2) Luís de Pina — *A estatura na população da cidade do Porto*. Comunicação à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia do Porto. Março, 1931.

(3) F. Cardoso — Op. cit.

162,3, em indivíduos oriundos do concelho de Guimarães; nos desta cidade, cabeça do concelho, a média de 162,8, quasi 163, portanto. Todos estes resultados concordam e demonstram a pequena influência de raças de alta estatura (nórdicos) na população do distrito de Braga, facto já observado e referido pelo Prof. Meira. A identidade do Minhoto que estudei com povos do Sul da França, Itália, Espanha, etc., enfim, com os da raça iberô-insular, tal como o fizera F. Cardoso para os que observou, é flagrante.

Já nos Pòveiros, por exemplo, a estatura masculina é de 1^m,648 e a feminina de 1^m,547, superiores às que encontrei e encontraram nos Minhotos os autores citados; mas, aí, está explicada essa superioridade, visto ter o Pòveiro sofrido influências fenícias e nórdicas (teutónicas, normandas).

BRAÇA

Eis as médias obtidas:

Homens

Média = 1^m,665
 Erro p. da M. = \pm 0,404
 D. padrão = 6,1
 Erro de D. = 0,269
 Mediana = 1^m,66
 Classe mais freq. = 1^m,68
 Máx. = 1^m,80
 Mín. = 1^m,52.

Mulheres

Média = 1^m,508
 Erro p. da M. = \pm 0,538
 D. padrão = 6,8
 Erro do D. = \pm 0,404
 Mediana = 1^m,54
 Classe mais freq. = 1^m,51
 Máx. = 1^m,64
 Mín. = 1^m,34.

No homem, a média da braça ou envergadura é superior à média da estatura; na mulher, inferior. O mesmo facto observou Santos Júnior ⁽¹⁾ nos Transmontanos.

(1) J. R. Santos Júnior — *Estudo antropológico e etnológico da população de S. Pedro (Mogadouro)*. Trab. da Soc. Port. de Ant. e Etnol. Pôrto, 1924. Fasc. II. Vol. II.

E' curioso notar-se que a braça (média) da mulher Bracarô-vimaranense é mais baixa que qualquer das apresentadas pela D.^{ra} Elsa Graffi, quer respeitantes a Italianas, quer a Francesas, Americanas, Suíças, etc. (1).

BUSTO

A altura do corpo, desde o plano coccigeo (indivíduo sentado) ao vértex, deu as seguintes médias:

Homens	Mulheres
Média = 0 ^m ,870	= 0 ^m ,814
Erro p. da M. = ± 0,202	= ± 0,202
D. padrão = 2,8	= 2,8
Erro do D. = ± 0,134	= ± 0,134
Mediana = 0 ^m ,870	= 0 ^m ,810
Classe mais freq. = 0 ^m ,870	= 0 ^m ,810
Máx. = 0 ^m ,950	= 0 ^m ,870
Mín. = 0 ^m ,800.	= 0 ^m ,750.

A série é muito boa, atendendo aos valores dos erros apresentados. Santos Júnior, no referido estudo, encontrou, respectivamente, as médias 0^m,847 e 0^m,877, inferiores às minhas, facto que revela uma menor altura de busto nos Transmontanos. Segundo números apresentados pela D.^{ra} Graffi, a mulher Minhota que observei aproxima-se, no que respeita ao valor da estatura (sentado ou busto) das Italianas (82^{cm},1), Suíças (81^{cm},5) e Judias russas (82^{cm},5).

ÍNDICE BRAÇA — ESTATURA

As médias encontradas foram:

Homens	Mulheres
Média = 101,32	= 99,34
Erro p. da M. = ± 0,394	= ± 0,539
D. padrão = 6,1	= 2,5
Erro do D. = 0,202	= ± 0,262
Mediana = 102	= 98
Classe mais freq. = 101	= 99
Máx. = 109	= 105
Mín. = 95.	= 92.

(1) Elsa Graffi — *Proporzioni corporee e caratteri somatici di un gruppo di studentesse del l'Università di Bologna*. In «Endocrinologia e patologia costituzionale». Vol. V. Fasc. IV. 1930, Bologna.

Santos Júnior encontrou, nos Transmontanos, 102,51 (Homens) e 101,41 (Mulheres); o Prof. M. Correia (1), dá como média, noutros Portugueses, 102,9. Os Bracarò-vimaranenses apresentam, portanto, um índice inferior às médias agora referidas.

ÍNDICE ESQUÉLICO

(Giuffrida-Ruggeri)

Eis as médias obtidas:

Homens	Mulheres
Média = 53,02	= 53,80
Erro p. da M. = \pm 0,067	= \pm 0,134
D. padrão = 1,2	= 2,0
Erro do D. = \pm 0,060	= \pm 0,067
Mediana = 53	= 53
Classe mais freq. = 53	= 53
Máx. = 57	= 60
Mín. = 50.	= 50

Santos Júnior encontrou, na série masculina, 51,93, na feminina, 51,82, números inferiores aos meus. Observa-se, porém, ser o índice igual nas duas séries, isto é, a diferença sexual é nula nos Minhotos e Transmontanos. Sanchez Fernandez (2) encontrou em adultos espanhóis 52,1, número aproximado do que calculei nas minhas séries. A média de Ferraz de Macedo, 51,6, estabelecida sobre observações de 25 indivíduos somente, não deve servir de termo comparativo, atendendo à exiguidade da série (3).

Vejamos a distribuição do índice esquelico, segundo G. Ruggeri:

Homens		
Macrosquelico . .	(X a 51)	10,8 %
Mesatisquelicos . .	(51,1 a 53)	55,4 %
Braquisquelicos . .	(53,1 a X)	33,7 %
Mulheres		
Macrosquelicos . .	(X a 52)	22,4 %
Mesatisquelicos . .	(52,1 a 54)	46,5 %
Braquisquelicos . .	(54,1 a X)	30,5 %

(1) Vid. S. Júnior — Op. cit.

(2) Mendes Correia — *Trabalhos dos alunos*. Congresso de Ciências Lusó-espanhol. 1921, Pôrto (Imp. 1923).

(3) F. Fernandes — *A Nova Antropologia Criminal*. Pôrto, 1931.

Este índice é valioso, porque nos revela o grau de relação existente entre as proporções do tronco (e cabeça) e membros inferiores. Os Minhotos de Braga, Guimarães e Fafe são mesatisquéllicos, tendendo para a braquisquelia, isto é, conjugação de tronco e cabeça longos e membros inferiores curtos. A percentagem de mesatisquéllicos é maior nos homens que nas mulheres. Não possuindo, para o estudo dêste elemento antropológico, observações portuguesas dignas de servirem de norma, limito-me a dizer que o valor do índice esquelico nas Minhotas é idêntico ao das Italianas, Suíças, Alemãs, Francesas, Russas, Inglesas, Americanas, etc. (1). O do homem Minhoto deve aproximar-se também dos naturais dos países a que pertencem as mulheres agora referidas.

ÍNDICE ESQUÉLICO

de

Manouvrier

Os resultados obtidos no estudo dêste índice, foram:

Homens	Mulheres
Média = 88,69	= 86,43
Erro p. da M. = \pm 0,268	= \pm 0,394
D. padrão = 3,9	= 5,0
Erro do D. = \pm 0,134	= \pm 0,269
Mediana = 87	= 84
Classe mais freq. = 88	= 88
Máx. = 99	= 95
Mín. = 76.	= 74

Segundo a divisão de Manouvrier, a mesatisquelia vai de 85,0 a 89,9 e a percentagem dos homens mesatisquéllicos é de 59,0. Há, pois, concordância de valores entre a classificação de Manouvrier e a de G. Ruggieri. No que respeita à série feminina, vê-se que o valor da média é superior ao indicado por Manouvrier nas Francesas (84,9) e por Elsa Graffi nas italianas de Bologna (83,83).

Passemos ao estudo da cabeça e imediatamente ao índice cefálico, que me deu os seguintes valores:

(1) Elsa Graffi — Op. cit.

ÍNDICE CEFÁLICO

Homens	Mulheres
Média = 75,93	= 76,85
Erro p. da M. = \pm 0,202	= \pm 0,202
D. padrão = 2,8	= 2,9
Erro do D. = \pm 0,067	= \pm 0,134
Mediana = 77	= 77
Classe mais freq. = 75	= 77 e 78
Máx. = 85	= 84
Min. = 69.	= 70.

A distribuição deste índice é como segue:

	Homens	Mulheres
Dolicocéfalos. . . (até 76,9)	73,4 %	56,8 %
Mesalicéfalos. . . (77 a 81,9)	24,0 %	39,6 %
Braquicéfalos. . . (82 p. ^a cima)	2,4 %	3,4 %

Verifica-se que, sendo o índice cefálico médio dos Portugueses igual a 76,3 (Santana Marques), os Minhotos que estudei são um pouco mais dolicocéfalos. Se o comparar com a média por mim encontrada em 1:000 portugueses de todas as províncias — 75,82 (H) e 76,83 (M) — vemos que os Bracarô-vimaranenses apresentam um índice cefálico igual, nas duas séries masculina e feminina (1). Há, contudo, uma grande diferença entre os valores que obtive e o de Fonseca Cardoso, encontrado em indivíduos Minhotos de Entre Cávado e Ancora, abrangendo naturais dos distritos de Viana do Castelo (V. do Castelo e Ponte do Lima) e Braga (Barcelos); o destes é igual a 78,1. Esta diferença não é de fácil explicação, tanto mais que o índice por aquele antropologista obtido em naturais do concelho de Braga é também igual a 78. ¿Haverá, assim, grandes diferenças entre naturais de concelhos tão próximos, como sejam os de Braga e Viana, Braga e Guimarães? Nem a média de F. Cardoso pode servir de norma para o Minhoto, nem a minha. Preferível será juntá-las. Assim, o valor do índice cefálico em 193 homens Minhotos (F. Cardoso — 110; L. de Pina — 83) é igual a 77,

(1) Luís de Pina — *A acentuada dolicocéfalia dos naturais da cidade do Porto*. Arq. da Rep. de Antropologia Criminal e Ident. Civil do Porto. Fasc. 2.º. Vol. I. 1931, Porto.

índice êste, realmente, mais alto que o da média portuguesa. Isto revela ser o Minhoto um tipo menos dolicéfalos que o Português em geral.

Como já estudei êste índice em indivíduos doutras províncias, seguem neste quadro os respectivos valores, postos em confronto:

Homens			
Minho	Trás-os-Montes (1)	Beiras (2)	Douro (Pôrto) (3)
Dolicéfalos % — 73,4	80,8	77,6	76,0
Mesaticéfalos % — 24,0	17,6	19,6	23,0
Braquicéfalos % — 2,4	1,6	2,6	1,0
Mulheres			
Dolicéfalas % — 56,8	76,5	74,2	60,6
Mesaticéfalas % — 39,6	23,4	24,9	36,7
Braquicéfalas % — 3,4	0	0,8	2,5

Se as médias do índice cefálico apresentadas não revelavam entre si diferenças de grande vulto, estas percentagens nos prestam, contudo, bons ensinamentos. Assim, os indivíduos em que a percentagem de dolicéfalos é menor são, positivamente, os Minhotos: seguem-se-lhes os do Pôrto. Os mais dolicéfalos são os Transmontanos. Nas mulheres melhor se verifica isso, pois o número de dolicéfalas é bem menor que o respeitante a outras províncias e o de braquicéfalas maior. Só as do Pôrto se lhes aproximam um pouco. Afinidades étnicas? Parece. O que se verificou nas séries masculinas, quanto à dolicéfalos, em relação a Trás-os-Montes, continua a observar-se nas séries femininas, pois na série feminina daquela Província nem uma só braquicéfalos apareceu!

O mais alto índice cefálico de Portugueses até hoje encontrado diz respeito aos Minhotos já referidos, estuda-

(1) Luís de Pina — *O índice cefálico dos Transmontanos*. Trab. da Sociedade Portug. de Antr. e Etnol. Pôrto.

(2) Luís de Pina — *O índice cefálico nos Beirões*. Actas da Asociación Española para el Progreso de las Ciencias. 1931. T. V. Madrid.

(3) *A acentuada dolicéfalos dos nat. da cid. do Pôrto*. Op. cit. — *O índice cefálico na população da cidade do Pôrto*. Com. à Soc. Port. de Antr. e Etn. Pôrto. 1931. Março.

dos por F. Cardoso. Este facto levou-o a admitir a hipótese da existência, no Alto Minho, de dois tipos étnicos: dolicocefalo de pequena estatura, autóctone (cro-Magnon? Baumes-Chaudes?) e braquicefalo, também de pequena estatura, estranho (Grenelle?). Os resultados que apresentei, referentes à estatura e ao índice cefálico, harmonizam-se bem com esta hipótese, ficando bem demonstrada a influência de elementos nórdicos na população minhota.

Contudo, essa influência é maior no Alto Minho e vai diminuindo, conforme se vai descendo para o Douro. Essa a razão, talvez, de o índice cefálico dos Baixo-minhotos por mim estudados ser inferior aos do Alto Minho. Todavia, Santana Marques, no seu já citado estudo, encontrou o valor de 78,7 em naturais de Braga.

ÍNDICE NASAL

O estudo deste índice deu-nos o seguinte resultado:

Homens	Mulheres
M = 66,02	= 6,663
É. p. da M. = $\pm 0,472$	= $\pm 0,606$
D. pad. = 7,1	= 6,9
É. do D. = $\pm 0,202$	= $\pm 0,269$
Mediana = 67	= 65
Classe mais freq. = 62	= 70
Mx. = 89	= 77
Mn. = 48	= 54

Segundo Santana Marques, o índice nasal dos Portugueses é de 65,1 (Viana, 64,3 — Braga, 64,8), inferior ao que encontrei nos Minhotos. Num outro trabalho realizado sobre observações de 800 Portugueses de todas as Províncias (⁴), encontrei: Homens, 66,51; Mulheres, 66,25, valores idênticos aos que calculei nos referidos Minhotos. F. Cardoso nos de Entre Cávado e Ancora obteve 64,2, inferior à minha média. Porém, nos indivíduos de Ponte do Lima o valor que calculou é 68,2 (superior à média que apresentei) e 65,4 nos de Barcelos. Para naturais de

Luis de Pina — *Materiais para a antropologia portuguesa. O índice nasal no vivo.* Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles. T. XI, n.º 12. 1932.

Guarda, Faro, Vila Real e Bragança os índices encontrados por Santana Marques são, respectivamente, 66,0—66,1—66,6—67,2, isto é, o índice nasal por mim registrado aproxima-se mais do dos Transmontanos.

A divisão dos valores indiciais do nariz é a seguinte:

	Homens	Mulheres
Hiperleptorríneos . . .	(X a 54,9) = 2,3 %	= 3,5 %
Leptorríneos . . .	55 a 69,9) = 67,0 %	= 73,2 %
Mesorríneos . . .	70 a 84,9) = 29,4 %	= 23,2 %
Platirríneos . . .	85 a 99,9) = 1,1 %	= 0 %

A média dos Minhotos de Braga, Guimarães e Fafe é manifestamente leptorrínea, com raríssimos casos de platirrínea, que quasi não existe. Estas percentagens são idênticas às que obtive nos Portugueses em geral.

A possível influência de tipos altos e louros nos Bracaró-vimaranenses não é tão pronunciada como nos de Viana do Castelo (ind. = 62,3); porém existe.

Estudado o índice nasal, não posso deixar de apresentar algumas considerações a propósito da forma do nariz; eis os resultados do seu exame:

	Homens	Mulheres
Côncavos . . .	8,5 %	= 10,7 %
Rectilíneos . . .	37,0 %	= 53,5 %
Convexos . . .	39,5 %	= 17,8 %
Sinuosos . . .	14,8 %	= 17,8 %

No homem, é mais freqüente o nariz rectilíneo e o convexo, este numa proporção um pouco mais forte. O mais côncavo é muito mais raro. Na mulher é bastante menos freqüente que o rectilíneo o nariz convexo ou adunco.

Considerações idênticas às que formulou F. Cardoso para o Minhoto de Entre Cávado e Ancora, posso registrar aqui. Segundo Broca, o nariz convexo é próprio da raça loura, alta e dolicocefala; o côncavo, da braquicefala pequena; o rectilíneo, à dolicocefala, morena; se adicionarmos as percentagens das formas rectilínea e sinuosa, que se aproximam, o nariz rectilíneo aparecerá, naturalmente, com muito maior freqüência. Verifica-se, portanto, influência de tipos braquicefalos, muito menor que a de dolicocefalos-morenos, fundo étnico do país.

Impregnações de elementos próprios ao tipo louro, alto, dolicocefalo (nariz convexo), são bem patentes no Minhoto que estudei, mórmente na série masculina; na feminina seriam muito menores (maior percentagem de nariz rectilíneo).

ÍNDICE AURICULAR

O exame dêste índice deu-me os seguintes resultados:

Homens	Mulheres
M = 58,45	= 56,81
É. p. da M. = $\pm 0,337$	= $\pm 0,404$
D. pad. = 4,9	= 5,1
É do Desv. = $\pm 0,202$	= $\pm 0,337$
Mediana = 58	= 60
Cl. mais freq. = 58	= 54
Méx. = 69	= 73
Min. = 47	= 47

O prof. Mendes Correia obtivera o valor de 55,1, como média dêste índice nos Portugueses; numa série de 1:250 indivíduos de todas as Províncias do País eu encontrei 58,43 (H.) e 56,31 (M.), valores idênticos aos que calculei nos Minotos (¹). São um pouco superiores, como se vê, à média do Prof. M. Correia.

COR DOS CABELOS

Para facilitar o estudo, dividi os cabelos, segundo a cor, em pretos, castanhos, loiros e ruivos, encontrando estas percentagens:

	Homens	Mulheres
Pretos . . .	22,7	28,0
Castanhos . .	77,2	70,0
Louros . . .	—	2,0
Ruivos . . .	—	—

A freqüência dos cabelos loiros é muitíssimo reduzida. Nota-se, porém, haver entre os castanhos muitos de tom claro, que de forma alguma se devem classificar de

(¹) Luís de Pina — *O índice auricular nos Portugueses*. Trab. da Soc. Port. de Ant. e Etn. Fasc. III. Vol. V. 1932.

nos que estudei no Baixo Minho; estas populações de Entre Cávado, Vizela e Ave parece não se terem mesclado tanto com os tipos de outras raças: loiros, braquicéfalos e de alta estatura. Os factos que apresentei o revelam claramente. A grande massa populacional demonstra uma certa pureza étnica, que se observa noutras regiões do País. Podem pois repetir-se, quasi textualmente, estas palavras de Fonseca Cardoso, quando se refere às raças pequena-dolicocéfala, braquicéfala e loira (nórdica):

Da fusão destas tres raças resultou uma profunda e variada mestiçagem em que, quasi sempre, preponderam os caracteres da raça aborigene como a mais numerosa e resistindo melhor no seu meio. (1).

LUÍS DE PINA.

(1) F. Cardoso — *O Minhoto d'Entre Cav. e Anc. Op. cit.*